

TEXTO I

Agreste, de Newton Moreno (trecho)

Foi só o delegado sair latindo pela caatinga, e os gritos voltaram. Um grupo velou a madrugada inteira com impropérios, xingamentos, escárnios, maldições, pragas.

Criaram um ódio.

Desenterraram a pior parte deles.

Desenterraram as piores palavras da língua.

Nem bem a madrugada se punha, trancaram portas e janelas da casa delas.

Envergonhavam-se delas. Queriam apagá-las de suas memórias. Cercaram a casa.

Enterravam-nas vivas.

Não se sabe quem foi, quantos eram. Nem quem acendeu o primeiro fósforo.

Começaram a incendiar o casebre.

Mal sabiam que, dentro, a viúva agradecia a benção de morrer com Etevaldo. Temia muito mais viver sem ele, por certo. Tinha cantado bonito, Deus tinha lhe ouvido afinal.

O fogo já empenava as paredes.

Mesmo assim, a viúva acendeu o candeeiro. Viu-se por inteiro pela primeira vez.

Descobriu então o que era mulher. Pôs-se ao lado de Etevaldo.

Beijou-o. Na boca. O que nunca tinha feito. Abriu-lhe os olhos no meio do beijo, enquanto o fogo ganhava a casa inteira.

(Pausa)

O dia amanhecia e as fagulhas resistiram queimando por dias. Cinzas. Silêncio. As fagulhas, em suspenso, como um eco, pairavam, sobre lavouras, varais e gerações.

TEXTO II

Mata teu pai, de Grace Passô (trecho)

Nem viram ele chegar aqui, não é? Vocês estão cegas. É essa a verdade. Vocês são difíceis. Vocês teimam. Vocês me exigem. Vocês falam bobagens. Vocês desejam demais. Vocês acreditam demais em mim. Só porque eu estou aqui, ficam me escutando como se eu só falasse verdades, isso é sufocante. Eu fico aqui, gritando, eu falo, mas vocês não me escutam, não, não me escutam porque vocês já desistiram, só resta a vocês compaixão. Vocês mudam algumas palavrinhas de seu vocabulário pra dizer que acham injusto esses mesmos homens de sempre, mudam alguns pequenos jeitos de se vestirem, uma ou outra coragem nasce em algum minuto, mas romper mesmo, abraçar a justiça com verdade, isso vocês não fazem. É sempre de nós que o mundo espera, presta atenção. De nós esperam os filhos, de nós esperam amor e amor e amor, de nós esperam a força descomunal, o trabalho, dentro e fora de casa, de nós esperam o gozo, a beleza, até o mistério. E nós acreditamos nisso. É ridículo. Tanto que adoecemos de amor por pessoas que nem amamos. Mas eu não vou me matar. Juro.

TEXTO III

Peça número 40 – Beatriz Ávila Vasconcelos

Marta – Olha, uma flor como essa aqui, que está em cima da mesa. Estou dizendo isto aqui para indicar a existência de uma flor neste ambiente. Mas não creio na existência. Basta a palavra. Esta é uma flor da minha espécie. Veja como se eleva sobre a haste. Parece estar acima de tudo. E está, hein. Mas isto não faz dela algo protegido. Pelo contrário. Pode ser arrancada, guilhotinada, pelo meio da haste, de uma vez só. Ainda assim se sustenta no alto, como se esta possibilidade não existisse. Uma flor, em todas as suas espécies, é sempre uma flor só.

Sou uma flor só

No campo, acima de todas

Ergo-me

Em oferenda ao céu

O deus que me admira

Arranca-me violentamente do solo e cheira-me com gozo.

Uma vez satisfeito

Lança-me à terra

de onde me ergui para ele

Neste mundo minha existência

É ter sido um aroma para o outro

Rescendendo no campo do amor.

TEXTO IV

A exceção e a regra – Bertolt Brecht

COMERCIANTE: Estúpido é quem não toma cuidado! Confiar é sinal de estupidez! Por minha causa, esse homem sofreu um acidente que é capaz de deixá-lo aleijado para o resto da vida: é inteiramente justo que ele queira ir à forra! E o homem forte, quando está dormindo, não é mais forte do que o homem fraco quando está dormindo. O ser humano não devia ter necessidade de dormir! É claro que seria muito melhor estar sentado dentro da tenda: aqui, ao relento pode-se pegar uma doença. Mas qual doença seria tão perigosa quanto a criatura humana? Por pouco dinheiro esse homem faz uma caminhada comigo, que tenho muito dinheiro. Mas a estrada é tão cansativa para um quanto para o outro. Quando ele dava mostras de cansaço, acabava apanhando. Quando o Guia foi sentar-se com ele, mandei o Guia embora. Quando ele, talvez mesmo por causa dos ladrões, ia apagar os nossos rastros na areia, viu-se tratado com desconfiança. Quando deu sinal de medo, na beira do rio, teve de olhar para o cano do meu revólver. Como é que eu vou dormir na mesma tenda com um homem desses? A mim ele não convence de que está conformado com tudo isso! Eu só queria saber o que ele está maquinando lá dentro! (VÊ-SE O CULE, NA TENDA, DEITANDO-SE TRANQUILAMENTE PARA DORMIR.) Louco seria eu, se fosse para aquela tenda!

TEXTO V

Casa de Bonecas – Henrik Ibsen

Opção 1 - Personagem masculina

HELMER (*junto da porta, que ficou aberta*) Bem, tire-a, tente se acalmar, refazer-se dessa inquietação, minha avezinha amedrontada. Descanse tranquila, tenho amplas asas para protegê-la. (*Andando de um lado para o outro, sem se afastar da porta*) -Ah, como o nosso lar é tranquilo e encantador, Nora! Aqui você está segura! Eu a guardarei como a uma pomba que foi colhida depois de ser retirada sã e salva das garras do abutre. Saberei aquietar o seu pobre coração palpitante. Conseguirei isso pouco a pouco, acredite, Nora. Amanhã você verá as coisas sob outro aspecto. Tudo voltará a ser como antes. Não precisarei dizer-lhe continuamente que a perdoei. Você sentirá isso em seu coração. Como pode supor que seria capaz de rejeitá-la, ou mesmo de a censurar? Ah, você não sabe o que é um verdadeiro coração de homem, Nora. Para o homem é algo indescritivelmente doce e prazeroso saber que no íntimo perdoou a mulher - perdoou-a completamente, de todo o coração. É como se ele tivesse criado o seu duplo; como se a tivesse dado à luz. Em certo sentido ela se torna igualmente mulher e filha. Assim a considerarei no futuro, pobre criaturinha assustada e desamparada. Não se inquiete, Nora; seja apenas franca comigo e eu serei a sua vontade e a sua consciência. - O que significa isso? Você não se deitou? Tomou a se vestir?

Opção 2 - Personagem feminina

NORA Talvez. Você, porém, não pensa e nem fala como o homem a quem eu possa me unir como companheira. Uma vez tranquilizado, não sobre o que poderia acontecer comigo, mas sobre o risco que você corria - e quando não havia mais perigo, pelo menos no que se referia a você, você fez como se nada tivesse acontecido. Eu tornei a ser uma avezinha canora, a sua boneca, que você passaria a proteger com muito mais cuidado, pois percebeu quanto era delicada e frágil! (*Erguendo-se*) Ouça, Torvald: nesse momento tornou-se evidente para mim que vivi

oito anos nesta casa com um estranho, a quem dei três filhos ... Ah, nem vou continuar falando para não ter que lembrar disso. Tenho vontade de partir-me em mil pedaços. Ouça, Torvald: Quando uma mulher deixa a casa de seu marido, como eu estou fazendo agora, as leis – segundo ouço dizer - absolvem o marido de qualquer obrigação para com ela. De qualquer modo, eu o deixo livre de agora em diante. Inteira liberdade de parte a parte. Olha, aqui está o seu anel: devolva-me o meu. Obrigada. Agora tudo acabou. Deixo aqui as chaves. Quanto à direção da casa, as criadas estão a par de tudo ... melhor que eu.